

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUELEN FERREIRA RAMOS



DESENHO E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE  
BIBLIOGRÁFICA

CURITIBA

2021

SUELEN FERREIRA RAMOS

DESENHO E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE  
BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção de grau no curso de  
Pedagogia, Setor de Educação, da Universidade  
Federal do Paraná – UFPR.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Guimarães Sagatio.

CURITIBA  
2021

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

SUELEN FERREIRA RAMOS

### **DESENHO E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Pedagogia, a ser analisado pela seguinte banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Guimarães Sagatio

Orientadora– Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucimar Rosa Dias

Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 24 de novembro de 2021

Dedico esse trabalho, primeiramente a Deus e a todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, sendo dentro ou fora da Universidade, contribuindo na construção dos meus conhecimentos, sendo eles teóricos ou práticos. Dedico também a minha família que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas profissionais e pessoais.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado saúde, tanto física quanto mental para a realização desse trabalho, que mesmo em tempos de pandemia, devido ao coronavírus, protegeu a mim e as pessoas que amo. A Maria, mãe de Deus, que me cobriu com seu manto me ajudando nos momentos de dificuldade e também estando comigo nos momentos de alegrias.

Aos meus pais, que me deram a vida e me apoiaram em todos os sentidos em minha trajetória acadêmica, sendo em apoio afetivo e econômico. Juntamente com meus avôs que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos. Vocês são minha base e meu porto seguro.

Agradeço também a pessoa que escolhi para ser meu futuro companheiro de vida, meu namorado, que me ajudou a passar por vários obstáculos durante a faculdade e a enfrentar a tensão nessa reta final de curso.

A professora que escolhi para ser minha orientadora, Sandra Guimarães Sagatio, que é uma pessoa maravilhosa, me proporcionando vários ensinamentos durante esses seis meses que se passaram, que mesmo estando sobrecarregada, estava sempre disponível a ajudar.

Aos professores que passaram por minha trajetória acadêmica, trazendo vários ensinamentos e reflexões que levarei por toda a minha vida, meus mestres, que também de alguma forma me ajudaram a ser a profissional que sou hoje.

As minhas queridas colegas de faculdade, Georgia Sartor e Rafaella Campos, que no decorrer da faculdade criamos um vínculo de amizade e cumplicidade. E também a minha querida amiga de infância, Giovanna Miola, que me ajudou a revisar o presente trabalho e sempre estava disposta a me ouvir e aconselhar.

E por último e não menos importante, a Universidade Federal do Paraná, por me proporcionar cinco anos de aprendizagens, e mesmo nesse contexto de pandemia se reinventou para atender seus alunos. A coordenação do curso de pedagogia, que juntamente com outros servidores estavam dispostos a atender e resolver os problemas que surgiram.

A todas essas pessoas especiais, minha eterna gratidão.

As crianças não precisam atingir uma certa idade e nem precisam de professores para começar a aprender. A partir do nascimento já são construtoras de conhecimento. Levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas. Então construindo objetos complexos de conhecimento. E o sistema de escrita é um deles.

(Emilia Ferreiro)

## RESUMO

O Presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como finalidade explicar a importância do desenho e da escrita no processo de alfabetização e também relacionar o nome próprio com a apropriação da escrita. Para a realização da pesquisa foi necessário a utilização do método de revisão bibliográfica (Fonseca, 2002). O trabalho é de natureza qualitativa, pois busca uma explicação acerca do tema utilizando documentos não contáveis, trazendo abordagens sobre o assunto. A pesquisa contou com uma busca de livros e artigos já analisados de diferentes autores para a obtenção de respostas sobre o tema escolhido, perguntas como: qual a importância do desenho na infância? Quais são as etapas do desenho dos 18 meses aos 12 anos de idade? Qual a influência do desenho na escrita? Quais os níveis da escrita? Qual a importância do nome próprio na apropriação da escrita? A realização da pesquisa utilizou como autores principais: Mèredieu (2017), Pillar (2012) e Ferreiro e Teberosky (2007) com a obra “Psicogênese da língua escrita”, seguido por outros autores que seguem a mesma linha de pesquisa. Demonstrando assim a importância que o desenho e a escrita têm no processo de alfabetização e como o desenho tem importância no processo de apropriação da escrita.

**Palavras-chave:** Educação. Alfabetização. Escrita. Desenho. Nome Próprio.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper aims to explain the importance of drawing and writing in the literacy process and also to relate the proper name to the appropriation of writing. To carry out the research it was necessary to use the literature review method (Fonseca, 2002). The work is qualitative in nature, as it seeks an explanation about the topic using non-countable documents, bringing approaches to the subject. The research included a search for books and articles already analyzed by different authors to obtain answers on the chosen topic, questions such as: what is the importance of drawing in childhood? What are the design steps from 18 months to 12 years of age? What is the influence of drawing on writing? What are the levels of writing? What is the importance of the proper name in the appropriation of writing? The main authors of the research were: Mèredieu (2017), Pillar (2012) and Ferreiro and Teberosky (2007) with the work "Psychogenesis of written language", followed by other authors who follow the same line of research. Thus demonstrating the importance that drawing and writing have in the literacy process and how drawing is important in the writing appropriation process.

**Keywords:** Education. Literacy. Writing. Design. Own name.

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 01- AS FASES DOS DESENHOS.....	20
QUADRO 02 - ARTIGOS ACADEMICOS UTILIZADOS PARA A PESQUISA.....	34
QUADRO 03 – LIVROS PARA FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA.....	35

## **LISTA DE SIGLAS**

PPGE – Programa de Pós Graduação em Educação

## **LISTA DE ABREVEATURAS**

p. – Página

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 DESENHO INFANTIL</b> .....	15
2.1 A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA INFÂNCIA.....	16
2.2 ETAPAS DO DESENHO INFANTIL.....	17
<b>3 DESENHO E ESCRITA</b> .....	21
3.1 NIVEÍIS DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA.....	22
3.2 NOME PRÓPRIO.....	26
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	28
<b>5 CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	33
<b>APÊNDICE 01 – QUADRO DE LEVANTAMENTO DE ARTIGOS</b> .....	34
<b>APÊNDICE 02 – QUADRO DE LIVROS PARA FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	35

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o propósito de exaltar a importância do desenho no processo da alfabetização, distinguindo suas várias fases de desenvolvimento.

Logo, discute os processos da escrita a partir da visão de Pillar (2012), e dos estudos de Ferreiro (1985), os quais tratam dos níveis de escrita no processo de alfabetização, juntamente com a importância do nome próprio neste processo.

A escolha do tema ocorreu a partir de algumas disciplinas no 3º ano de graduação, em especial a disciplina de Alfabetização, na qual surgiu o desejo de estudar mais sobre a área. Nesse mesmo ano ocorreu o primeiro contato com a professora orientadora, 2019, ao qual sugeriu pesquisar sobre desenho e escrita.

A ideia inicial era recolher desenhos e escritas entre crianças de 3 a 6 anos de idade em uma escola da rede pública de ensino, após isso, o material seria avaliado e classificados em uma das etapas do desenho e da escrita. Contudo, com a chegada da pandemia, por causa do coronavírus, que começou no Brasil em março de 2020, fechando as escolas e tendo que fazer quarentena, mesmo que em 2021 as escolas já estavam abertas, não estavam aceitando alunos para fazer pesquisas de campo, por essa razão não foi viável fazer a pesquisa a campo.

No ano de 2021, a pesquisa foi iniciada com ajuda da professora orientadora, Sandra Guimarães Sagatio, que auxiliou na obtenção de material para pesquisa e na produção da mesma.

A presente pesquisa teve como objetivo principal discorrer as diferentes etapas do desenho e da escrita, assim como a importância do desenho no processo de alfabetização e sua influência na escrita. E os objetivos específicos foram os seguintes:

- Ressaltar a importância do desenho;
- Reconhecer-as etapas do desenho infantil;
- Descrever as etapas da escrita;
- Discutir e diferenciar desenho de escrita;
- Analisar a partir de uma pesquisa bibliográfica a influência do desenho na escrita;
- Explicar a importância do nome próprio no processo de alfabetização.

No segundo capítulo do trabalho, é mostrado um breve contexto histórico do desenho infantil, quando começou a ser estudado no século XIX, no mesmo período em

que a ideia de criança estava sendo construída. O desenho sempre teve presente na sociedade e com o tempo foi incorporado em variadas matérias e teve influência no desenvolvimento da escrita.

Contudo, os estudos sobre o desenho infantil ficaram muito tempo presos na inabilidade motora da criança, mesmo a criança tendo em seus desenhos uma certa originalidade e autenticidade.

O desenho na infância tem um caráter muito importante, com ele a criança pode demonstrar seus sentimentos, frustrações e desenvolver sua imaginação e criatividade. A pesquisa também ressalta nesse terceiro capítulo as etapas que envolvem o desenho infantil, sendo descritos, as etapas do desenho, segundo Mèredieu (2017) em seus estudos em Berson (2006) e Luquet (1969), estágio vegetativo motor, estágio representativo e estágio comunicativo para Berson (2006) e realismo fortuito, realismo fracassado, realismo intelectual, realismo visual para Luquet (1969).

O terceiro capítulo primeiramente ressalta como o desenho e a escrita interagem, e segundo os autores, o desenho é a primeira escrita da criança, tendo origens em comuns, sendo assim a criança só começa a diferenciar desenho de escrita a partir dos quatro anos de idade, mais ou menos, vendo suas diferentes funções.

Em sequência, explica as etapas que a escrita pode ter, segundo Pillar (2012), sendo essas etapas o pré-silábico, o silábico, o silábico-alfabético e o alfabético, a criança vai se desenvolvendo tanto no eixo qualitativo quanto no quantitativo do processo de alfabetização.

O terceiro capítulo também explica a importância do nome próprio para criança no período de alfabetização. O nome vem como a primeira palavra que contém estabilidade para a criança. Para embasamento do terceiro tópicos foram utilizados os seguintes autores: Ferreira (2015), Ferreiro e Moro (2001), Ferreiro e Teberosky (2007), Pillar (2012) e Silva (2015).

O quarto tópico da pesquisa, é a metodologia, sendo utilizado o método de revisão bibliográfica qualitativa para sua realização. A pesquisa foi realizada por meio de etapas: a) Levantamento de documentos, sendo eles: Livros, artigos e teses sobre o assunto; b) Realização das perguntas que iriam orientar o trabalho; c) A realização do pré-projeto de pesquisa; d) Seleção dos livros e artigos a serem utilizados no trabalho; e) Início do desenvolvimento da pesquisa.

Logo, o quinto capítulo do trabalho traz as conclusões finais, trazendo os objetivos alcançados ao longo do trabalho e algumas reflexões pessoais, recapitulando pontos importantes apresentados na presente pesquisa.

Para melhor embasamento da pesquisa foi realizado dois quadros ao quais foram anexados ao final da pesquisa (Apêndice um e dois), sendo um deles para artigos e outro para os livros que ajudaram na fundamentação da pesquisa.

## 2 DESENHO INFANTIL

O desenho infantil vem sendo cada vez mais estudado em todo o mundo, não podemos negar que ele faz parte da história da humanidade. Sendo assim:

O homem pré-histórico utilizou-se dos desenhos nas paredes das cavernas para expressar-se, e através dos mesmos é possível compreender seu modo de viver e a maneira como o conhecimento era transmitido de geração a geração (FERREIRA, 2015 p. 2).

Segundo Mèredieu (2017), o rabisco começou a ser estudo por William Preyer no século XIX, estudando as manifestações gráficas dos bebês, aparecendo juntamente com a aprendizagem do andar e também do equilíbrio da criança.

O desenho sempre trouxe consigo a história de uma sociedade, através das pinturas, mapas, desenhos nas paredes das cavernas, nas pirâmides, entre outros. “Com o tempo, o desenho foi sendo representado por meio de diferentes materiais, como: barro, madeira, argila, pedra até chegar ao papel” (ZATZ, 2002) (Apud FERREIRA, 2015, p. 3), contribuindo também para o desenvolvimento e nascimento da escrita.

Os primeiros estudos sobre a produção gráfica das crianças datam no final do século XX e estão fundados nas concepções psicológicas e estéticas. Nessa época, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e apresentavam fracassos nas intervenções que tinham como objetivos preparar um futuro artista. (FERREIRA, 2015 p. 3)

Segundo Mèredieu (2017) o desenho infantil começou a ter um estudo mais detalhado no século passado, e muitas disciplinas distintas puderam se beneficiar como psicologia, pedagogia, sociologia e a estética. O ponto inicial foi entre 1880 a 1900, quando a percepção da infância é problematizada, na sequência, sob influência de algumas ideias pedagógicas, se começa a distinguir as diferentes etapas no desenvolvimento do desenho na criança.

Com a infância como categoria social, a criança passou a ser vista com outros olhos, “[...] a descoberta de leis próprias da psique infantil, a demonstração da originalidade de seu desenvolvimento, levaram a admitir a especificação desse

universo.” (MÈREDIEU, 2017, p. 16), com isso, segundo Ferreira (2015), as produções infantis passam a ter um novo sentido.

Já, o desenho infantil segundo Mèredieu (2017) evoluiu paralelamente a construção da infância, ficando muito tempo centrada no grafismo infantil e na inabilidade motora da criança.

Já no momento atual, os estudos sobre o desenho beneficiam-se da contribuição- considerável em psicologia infantil... e prosseguem no sentido de uma elucidação dos mecanismos da expressão infantil, expressão que não é mais gráfica e plástica apenas, mas também gestual e musical. (MÈREDIEU, 2017, p.16)

Podemos dizer, segundo Mèredieu (2017), que a criança tem em seu desenho uma autenticidade e uma originalidade que é só dela e que acaba se perdendo à medida que a influência do adulto se perpetua, pois, a criança pode acabar imitando as ações dos adultos.

O que ajudou, segundo Mèredieu (2017), na chamada arte infantil foi a evolução das técnicas gráficas e plásticas, e também pelo baixo custo dos materiais como lápis e papel.

Outro aspecto que contribui para a evolução do desenho gráfico foi o tamanho da folha de papel onde também, “[...] contribui para a liberação da expressão infantil. Estando longe agora do minúsculo rabisco na margem do caderno escolar” (MÈREDIEU, 2017, p.19), com isso a criança pode expandir sua criatividade e imaginação, pois, ao rabiscar, segundo Pillotto; Silva e Mognol (2004), a criança desenvolve seus variados processos criativos, assim amplificando suas potencialidades no campo das expressões gráficas.

## 2.1 A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA INFÂNCIA

O desenho acaba assumindo um caráter importante na infância, pois através dessa linguagem, segundo Pillotto, Silva e Mognol (2004), as crianças podem viver novas experiências em campos distintos, como nas suas ações, desejos e nos seus sentimentos, deixando assim, transparecer suas emoções e também seu imaginário.

A criança também utiliza do desenho para comunicar-se. Através desse, transmite a sua experiência subjetiva e que está ativo em sua mente, registrando aquilo que é significativo para ela. Todo ser humano externaliza seus conflitos, suas emoções, entre tantos outros sentimentos, de uma maneira particular. Essas expressões podem ser percebidas através da leitura dos desenhos infantis que, quando analisados sob critérios profissionais, possibilitam a compreensão das relações existentes no contexto infantil, pois suas produções materializam dados reais e subjetivos (PILLOTTO; SILVA, MOGNOL, 2004, p. 2)

De acordo com Ferreira (2015), “[...] ao desenhar a criança pode utilizar-se de diferentes linguagens como o brincar, falar, cantar dentre outras formas de expressão” (FERREIRA, 2015, p. 3), tendo a tendência de registrar o que ela está vendo e sentindo, criando e recriando formas de expressão, demonstrando o que ela entende e sabe sobre o mundo ao seu redor, desenhando assim, suas próprias conclusões. Com isso, de acordo com Pillar (2012), os desenhos acabam fornecendo informações sobre o trabalho gráfico da criança e também sobre seus pensamentos naquele momento.

Segundo Pillar (2012), com seus estudos em Herbert Read, “[...] mostra que as funções mentais envolvidas na arte e na educação são o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição.” (PILLAR, 2012, p. 47). Com isso acaba definindo “[...] a educação estética como a educação dos sentidos, nos quais estão baseados a consciência, a inteligência e o raciocínio do sujeito (PILLAR, 2012, p. 48). Portanto, pode-se concluir que a arte sai da criança e não entra nela.

O desenho é importante na infância, pois com ele a criança pode demonstrar o que está sentindo naquele momento, pode desenvolver ainda mais sua criatividade e imaginação, fazer suas próprias conclusões do mundo ao seu redor, como os autores citados destacaram.

## 2.2 ETAPAS DO DESENHO INFANTIL

O desenho infantil e seu processo há várias fases/etapas de desenvolvimento, levando em conta que a criança está sempre em mutação, e segundo Mèredieu (2017), pode haver regressões de um estágio anterior, também segundo ele, tudo que acaba atuando sobre a evolução da linguagem gráfica da criança pode influenciar nos estágios de desenvolvimento.

Mèredieu (2017), diz que a criança inicia no chamado desenho informal, sendo “Nesse estágio, no plano plástico, a expressão infantil começa pelo borrão, ou aglomerado, e, no plano gráfico, pelo rabisco...” (MÈREDIEU, 2017, p. 49). Segundo o autor, o rabisco começa pelo movimento motor da criança, apenas depois ela começa a ter prazer no gesto de rabiscar e futuramente desenhar.

Mèredieu (2017) aponta, que tem três estágios do rabisco segundo Matther Bernson (2006), o primeiro sendo o estágio vegetativo motor, acontecendo por volta dos 18 meses, sendo ele quando dá para ver o tipo de traçado da criança, mais ou menos arredondado, convexo ou alongado.

Já o segundo é o estágio representativo, ocorrendo por volta dos dois e três anos, que se dá pelos esboços e também pelo delineamento de formas, “[...] caracteriza essencialmente pelo aparecimento de formas isoladas, tornadas possíveis pelo levantamento do lápis” (MÈREDIEU, 2017, p. 51), passando de um traço contínuo para um descontínuo.

Segundo Mèredieu, o terceiro estágio comunicativo, por volta dos três e quatro anos, a criança começa elaborar uma escrita fictícia, imita o adulto e se torna mais evidente a vontade de escrever e de se comunicar. Segundo ele, a evolução do rabisco está no domínio que a criança tem sobre sua própria atividade gestual.

Outro autor que denomina estágios para o desenho, estudado por vários autores renomados, como Mèredieu (2017), Pillar (2012), entre outros, é o Luquet (1969), mesmo, segundo Pillar, ser muito criticado pelos nomes que dá a esses estágios do desenho, principalmente em dois conceitos de sua obra o modelo interno e o realismo.

O termo modelo interno foi criticado pois alguns autores “[...] objetam que tal expressão confunde a imagem com a percepção que o sujeito tem do seu meio” (PILLAR, 2012, p. 55). Contudo Luquet (1969), segundo Pillar (2012), criou expressões como o modelo interno, para distinguir o objeto da representação mental da criança, no qual ela expressa no desenho.

Já o termo realismo acabou sendo criticado pois foi visto como “[...] uma submissão da imagem gráfica ao objeto referenciado, como um fim a ser atingido pela criança através de fases de correções crescentes.” (PILLAR, 2012, p. 55), mas o autor acaba se justificando “[...] dizendo que a primeira tentativa do sujeito de se afirmar frente ao meio é realista, ou seja, a criança utiliza o real como referência ao desenhar.” (PILLAR, 2012, p. 55).

Segundo autores, o primeiro estágio definido por Luquet (1969) é o realismo fortuito, começando por volta dos dois anos, nesse estágio a criança desenha pelo simples prazer de desenhar, o autor acredita que a criança mostra seu desejo no papel o que a faz querer repetir a ação de desenhar várias vezes, pois sente prazer ao desenhar.

Essa etapa subdivide em desenho involuntário e desenho voluntário, o desenho involuntário “[...] a criança desenha não para fazer uma imagem, mas para fazer linha, porque não tem consciência de que linhas feitas possam igualmente representar objetos (PILLAR, 2012, p. 56).

Já no desenho voluntário a criança faz uma relação dos seus traços ao objeto real, contudo segundo Pillar (2012), a criança primeiro desenha sem uma intenção prévia e depois interpreta seu desenho com algum objeto real, sendo chamado de desenho voluntário sem intenção, mesmo após a criança começar a dar intencionalidade, às vezes quando finaliza o desenho sua interpretação pode mudar. Para Luquet (1969), é nessa etapa que a criança adquire convicção que através do desenho pode representar tudo o que deseja.

No segundo estágio, realismo fracassado (começa por volta dos dois a quatro anos), a criança já acaba fazendo uma relação com a vivência adulta e as transmite ao desenhar, contudo, segundo Mèredieu (2017), essa fase é ponderada de fracassos e sucessos parciais da criança, ao descobrir a identidade dos seus próprios traçados, tenta também representar as formas que estão em seus processos de aprendizagens.

O terceiro estágio começa por volta dos quatro anos e pode-se estender até dez, 11 anos de idade, sendo ele o realismo intelectual, a criança, segundo Mèredieu (2017), desenha não aquilo que vê, mas sim aquilo que sabe sobre o objeto, misturando vários pontos de vista, para isso “[...] a criança utiliza processos variados, como a descontinuidade, o rebatimento, a transparência, a planificação e a mudança de pontos de vista.” (PILLAR, 2012, p. 61).

O quarto e último estágio definido por Luquet (1969) é o realismo visual, acontecendo geralmente aos 12 anos, contudo, pode começar desde dos 8 anos, sendo marcado pelo fim do desenho infantil, o grafismo, segundo Mèredieu (2017), perde sua natureza e tende a ir para as produções adultas.

Mesmo Luquet (1969) tendo sido o primeiro a estudar o desenho e sendo retomado por vários autores sem muitas modificações, para Mèredieu (2017) a análise do autor não é suficiente e explicativa:

Não explica o nascimento da representação figurativa e tampouco a passagem de um estágio para outro. Particularmente, não se fica sabendo por que o desenho, em certo momento, acaba por empobrecer-se e desaparecer. Tais estágios formam planos fixos, instantâneos, para fixar características que assim se tornam mais facilmente reconhecíveis. (MÈREDIEU, 2017 p. 4)

No quadro abaixo podemos ver as fases do desenho e a denominação dos respectivos autores: Berson (2006), Luquet (1969), Lowenfeld (1976) e Piaget (1976).

#### QUADRO 01- AS FASES DOS DESENHOS

<b>BERSON (Mèredieu 2006)</b>	<b>LUQUET (1969)</b>	<b>LOWENFELD (1976)</b>	<b>PIAGET (1976)</b>
Estágio Vegetativo Motor	Realismo Fortuito	Rabiscção Desordenada ou Garatuja: ✓ Rabiscção Longitudinal; ✓ Rabiscção	Garatuja: ✓ Desordenada; ✓ Ordenada
Estágio Representativo	Realismo Fracassado	Figuração Pré-Esquemática	Pré-Esquematismo
Estágio Comunicativo	Realismo Intelectual	Figuração Esquemática	Esquematismo
	Realismo Visual	Figuração Realista	Realismo
			Pseudo Naturalista

**Fonte:** (adaptado pelos autores de IAVELBERG, 2013, p. 58) (Apud, Bombonato, Farago, 2016, p. 173)

As fases de Luquet (1969) são parecidas com as definidas por Lowenfel (1976) e Piaget (1976), tendo denominações diferentes para cada fase do desenho infantil.

### 3 DESENHO E ESCRITA

Como vimos anteriormente no tópico dois, o desenho é um processo importante para ajudar na formação integral da criança, com ele a criança desenvolve seus aspectos criativos, pelo qual mostra sua criatividade.

[...] ressaltamos que o desenho e a escrita, apesar de parecerem distintas, são duas linguagens que interagem e muitas vezes se complementam. Acredita-se que o desenho é a primeira escrita da criança, pois ela utiliza dessa linguagem para inventar mensagens e se comunicar com o mundo adulto do seu jeito. (FERREIRA, 2015 p.8)

O desenho pode apresentar etapas diferentes, e conforme a criança vai desenvolvendo seu desenho e sua escrita também pode ir se construindo. Segundo Ferreira (2015), conforme a criança se desenvolve, o desenho acaba se misturando com as letras, e ela elabora diferentes representações gráficas, segundo a autora, o desenho é como uma construção de um sistema de representação, sendo interposto de representações simbólicas, da mesma forma que a escrita, ficando mais evidente a relação entre os dois, desenho e escrita.

Segundo Ferreira e Moro (2001), “[...] o desenho é uma das formas de representação, isto é, produção da função semiótica, representativa de algo do mundo real, símbolo de primeira ordem e que permite evocar diretamente o objeto.” (FERREIRA; MORO, 2001, p. 101)

Segundo Ferreira (2015), o desenho é a primeira escrita da criança, sendo duas representações, escrita e desenho, que acabam interagindo entre si, ficando assim mais evidente o desenvolvimento dos dois. Contudo a autora, diz que o desenho acaba não tendo prioridade no período de alfabetização, pois no dia a dia escolar o desenho, às vezes, pode ficar em segundo plano.

Quando se trabalha imagens/ desenhos para a auxiliar no desenvolvimento da escrita das crianças, segundo Ferreira e Teberosky (2007), a criança faz uma distinção entre imagens e os textos, a imagem é só para ver e o texto para ler, contudo, acredita-se que o desenho acaba complementando a escrita, de uma história por exemplo.

Segundo Pillar (2012), o desenho e a escrita têm uma origem comum, por isso, acabam assumindo marcas indiferenciadas para a criança, e a partir dos quatro anos, mais ou menos, a criança começa a distinguir o desenho da escrita, vendo suas

diferentes funções. Segundo a autora, o desenho passa a ser visto como a forma dos objetos e a escrita o nome desses objetos, sendo assim, a criança começa a construir hipóteses sobre a linguagem escrita. Com auxílio dessas hipóteses a autora Ferreiro (1985) junto a outros autores começou a distinguir níveis no processo da língua escrita.

### 3.1 NÍVEIS DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

No processo de desenvolvimento da escrita, Ferreiro (1985) e seus colaboradores, distinguiu quatro níveis que, segundo Pillar (2012) em seus estudos, são subdivididos entre: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No nível pré-silábico, “[...] escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 2007, p. 193). A criança começa a diferenciar a escrita do desenho, e conseqüentemente se interessando mais pela linguagem escrita, percebendo suas diferentes formas e como a organização espacial é diferente do objeto.

Nesse primeiro nível, a criança ainda confunde número com letras, pois são signos muito parecidos, aparecendo também em contextos similares. A criança também, segundo Pillar (2012), pensa que só vai conseguir ler um texto se uma imagem a acompanhar, pois acredita que é apenas com a imagem que vai conseguir interpretar as letras ali existentes, assim o sujeito espera que os sentidos sejam os mesmos.

A criança também acredita, segundo a autora que a escrita conserva algumas propriedades do objeto, como, por exemplo, uma palavra grande, no pensamento da criança, é para nomear um objeto grande.

Nesse nível, segundo Pillar (2012), a criança dedica um esforço intelectual grande na construção de formas escritas para diferenciar cada objeto, gerando critérios intrafigurais, sendo eles quantitativos e qualitativos.

Conforme a autora, no nível pré-silábico, “as crianças dedicam um grande esforço intelectual à construção de formas de diferenciação entre as escritas” (Ferreiro, 1985c, p.20). Tais critérios de diferenciação são, inicialmente, intrafigurais, ou seja, a criança primeiro se preocupa com as propriedades que uma escrita precisa ter para poder possuir um significado. (PILLAR, 2012, p.77)

Em relação aos critérios quantitativos, a criança se preocupa com a quantidade de letras existente nas palavras, acreditando que uma palavra que contenha menos de

três letras não pode ser interpretada, sendo apenas letras no papel. Já nos critérios qualitativos a criança acredita que não pode repetir mais de duas vezes seguidas a mesma letra em uma única palavra para que assim possa ser interpretada.

“Após estabelecer as diferenciações intrafigurais, a criança interessa-se pelas diferenciações entre as escritas, ou seja, interfigurais.” (PILLAR, 2012, p. 77), explorando os eixos qualitativos e quantitativos.

Constata-se, assim que os critérios de diferenciação interfigurais também estão relacionados aos eixos quantitativo e qualitativo. Para diferenciar uma escrita de outra, a criança varia tanto a quantidade de grafias quanto a posição e o repertório de letras utilizado. Com um número restrito de grafias, alternando a quantidade, a criança escreve palavras com distintos significados. Variando a posição das letras de uma escrita para outra, o sujeito cria novas combinações e, portanto, novas palavras. (PILLAR, 2012, p.78)

A criança no nível pré-silábico, segundo Pillar (2012), tem dificuldade de utilizar dois critérios de diferenciação, utilizando um de cada vez, sempre buscando a diferenciação entre suas escritas. Nesse nível a criança ainda utiliza grafias primitivas, sendo a escrita sem controle de quantidade, utilizando grafias convencionais, mas, rabiscos ou pseudolettras.

Ferreiro (1985), segundo Pillar (2012), faz uma distinção de grafias primitivas conforme o critério da criança. A criança que utiliza o critério de controle de quantidade, foi denominada unigráficas, já as crianças que não controlam a quantidade de letras e sim a folha de papel são chamadas de sem controle de quantidade.

Há também as escritas fixas, nas quais a criança não cria diferenciações objetivas entre as palavras; as escritas diferenciadas sem valor sonoro convencional, para as quais a criança procura variar a quantidades de grafias; e as escritas diferenciadas com valor sonoro inicial, em que há presença de letra e essa letra se relaciona com a sonoridade da palavra.

Em suma, no nível pré-silábico, não há correspondência entre escrita e pronúncia, pois a problemática da criança se refere a grandes interrogações sobre natureza e função da linguagem escrita, bem como á construção de diferenciações entre a escritas para que tenham significados distintos. (PILLAR, 2012, p.81)

O segundo nível descrito por Ferreiro (1985), segundo Pillar (2012), é o nível silábico, no qual a criança começa a perceber que a escrita das palavras tem relação com o som delas, percebendo que conforme o número de sílabas existentes nas palavras a criança vai definir a quantidade de letras que irá utilizar, usando uma letra para cada sílaba, não repetindo letras e sem omitir sílabas. Às vezes usando uma grafia qualquer para cada sílaba e, outras vezes, utiliza uma vogal ou uma consoante com o som convencional correspondente com a sílaba.

Segundo Pillar (2012), o nível silábico é um dos níveis mais importantes no processo de aquisição da escrita, criando hipóteses silábicas sendo importantes por duas razões: “[...] permite obter um critério geral para regular as variações na quantidade de letras que devem ser escritas, e centra atenção da criança nas variações sonoras entre as palavras” (FERREIRO, 1985, p.25)( Apud PILLAR, 2012, p.81).

Quando falamos do eixo quantitativo nesse estágio a criança tem uma preocupação em vincular uma letra para cada sílaba, correspondendo ao som da letra ou não. Já no eixo qualitativo a criança já tem uma preocupação com as letras e os sons serem correspondentes.

Para a criança, segundo Pillar (2012), uma palavra tem que ter mais de três letras para ser considerada palavra, esse novo critério construído, em que é necessário ter uma letra para cada sílaba, ocasiona um conflito de hipóteses silábicas com a quantidade mínima de letras, para preencher o critério de quantidade a criança acaba colocando mais letras nas palavras monossílabas e dissílabas.

A criança está criando a concepção de que uma mesma letra pode ser repetida em uma mesma palavra, o que não ocorria no período pré-silábico, dependendo do som que a sílaba da palavra transmite, isso pode gerar um conflito interno na criança, e para contornar a situação acaba escrevendo a mesma letra, contudo, com alterações em seu formato e forma ou até mesmo utilizando uma consoante ou vogal da sílaba que vem a seguir para assim não repetir a mesma letra.

São exatamente tais contradições, oriundas do sistema silábico com a hipótese de quantidade mínima, com a hipótese de variedade interna e com as escritas dos adultos, que levam a uma desestabilização da hipótese silábica e à construção de um novo sistema de escrita que procure resolver os conflitos que a criança apenas havia contornado. (PILLAR, 2012, p. 83)

Com isso chegamos no período silábico-alfabético, no qual para a criança uma letra para cada sílaba já não é o suficiente para representar uma palavra, pois os outros não conseguem ler dessa maneira. Segundo Pillar (2012), nesse nível a criança começa a considerar os fonemas existentes nas palavras, e observa que as sílabas são componentes menores em uma palavra, contudo, ainda não abandona totalmente a hipótese silábica.

Sendo assim, segundo Pillar (2012), a criança utiliza às vezes uma letra para cada sílaba, outras vezes uma letra para cada fonema, com isso a criança acaba compensando a quantidade mínima de letras existentes em cada palavra de modo fonológico. Contudo, as palavras podem ser escritas com grafias correspondentes as suas sílabas ou fonemas, com ou sem o predomínio da utilização do valor sonoro convencional das letras.

Com isso Pillar (2012) conclui que o nível silábico-alfabético ainda é instável, na parte silábica com contradições e na parte alfabética vem apenas como um esboço. Vejamos:

No nível alfabético, a criança abandona a análise silábica na construção de palavras e estabelece uma correspondência entre grafemas e fonemas. Tal correspondência pode ser feita sem predomínio do valor sonoro convencional das letras, ou seja, a criança atribui qualquer fonema a qualquer grafia, centrando-se tão somente na correspondência sonora. (PILLAR, 2012, p. 84)

Nesse nível a criança acaba utilizando na construção de suas palavras o predomínio do valor sonoro convencional das letras, podendo também escrever um grafema para cada fonema tendo ou não algumas falhas no valor sonoro convencional. Segundo Pillar (2012) a criança no nível alfabético ainda precisa aperfeiçoar sua escrita, contudo, já domina a estrutura do sistema da escrita e já aprendeu o valor sonoro convencional para quase todas as letras.

Escrever alfabeticamente não significa, no entanto, saber escrever de modo ortográfico, conforme os padrões socialmente instituídos, e sim que o último passo para a compreensão do sistema da escrita foi dado, isso é, a vinculação da pronúncia com a construção alfabética de sílabas. (PILLAR, 2012, p.85)

Com essa nova estruturação que a criança formulou no sistema alfabético da escrita, como nos outros níveis, nesse nível também surgem problemas, tanto no eixo quantitativo, quando a criança ingressa em um sistema mais complexo de escrita, assim abandonando o sistema silábico. Quanto o eixo qualitativo, a criança vai perceber que um som não vai garantir a mesma letra, pois como sabemos um mesmo som pode representar diferentes letras. Segundo Pillar (2012), após o nível alfabético, a criança começa aprimorar sua escrita aprendendo a ortografia correta das palavras e as regras da Língua Portuguesa.

### 3.2 NOME PRÓPRIO

Não podemos falar de escrita sem falar do nome próprio. Para a criança o seu nome é a primeira palavra que tem estabilidade e dotada de significação, sendo muito importante no desenvolvimento da escrita.

O nome da criança é usado em diferentes momentos pelos adultos, os pais utilizam seu nome para distinguir as roupas e utensílios pessoais da criança, seus professores usam para distinguir suas atividades.

[...] a aquisição e interpretação da escrita seriam facilitadas pela constituição estável do nome próprio, no campo subjetivo, esse pode vir permeado de outros sentidos e significados que extrapolam a aprendizagem de seu registro escrito, enquanto palavra, não podendo ser tratado como um significante qualquer, uma vez que ele traz significações para o sujeito que o porta. (SILVA, 2015, p. 12163)

Segundo Silva (2015), quando falamos da escrita da criança, as primeiras informações que ela tem são sobre seu nome, por isso, deve-se incentivar as crianças a identificar as grafias que compõem seu nome e assim aprender a escrevê-lo. A criança desde pequena quando está desenvolvendo a linguagem percebe que as pessoas são diferenciadas, geralmente, por uma palavra, seu nome.

O nome próprio tem por objetivo nos identificar e marcar nossas semelhanças e diferenças com as demais pessoas. Entretanto, diferentemente do espaço familiar, onde a criança é chamada de filho (a) ou por um apelido, na escola será, exclusivamente, tratada pelo seu nome e por aluno. (SILVA, 2015, p. 12161)

Sendo assim, quando a criança percebe que a palavra falada também tem uma representação gráfica, ela passa a reconhecer a importância de se aprender a linguagem escrita. Por isso, segundo Silva (2015), quando a criança aprende a escrever seu nome é um grande avanço aos olhos da escola.

Segundo Silva (2015), quando a criança é inserida no ambiente escolar vive várias mudanças, essas mudanças e elas acabam interferindo e interagindo com o desenvolvimento da escrita. Com isso a criança cria novos sentidos e significados para o uso da escrita. No caso da representação gráfica de seu nome, e é nas atividades que descobrirá seu nome por meio da escrita.

[...] na análise da interpretação e atribuição de significado realizada durante o processo de construção da escrita do nome próprio pelas crianças, observa-se que estas atribuem a cada parte a totalidade do nome, para, posteriormente, perceber que a escrita representa o aspecto sonoro deste e, finalmente, passar a compreender as regras do sistema alfabético da escrita. (SILVA, 2015, 12162)

Segundo Silva (2015) o nome próprio é um peça-chave para o início da compreensão da criança sobre a escrita, sendo importante, pois, vem como uma interpretação real e estável para a criança, não sendo nem modificada quando se é traduzido para outra língua, ficando inalterável.

## 4 METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa foi utilizado o método de revisão bibliográfica qualitativo, foi feito um levantamento de artigos, livros e textos publicados sobre o desenho e a escrita, no período de dezembro de 2020 a maio de 2021.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas “já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (MATOS; LERCHE, 2001, p.40). Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 31).

Dos seis livros selecionados apenas três foram utilizados na pesquisa, sendo eles “O Desenho Infantil” de Florence Mèredieu (2017), ao qual embasou a maior parte do terceiro capítulo do trabalho, “Desenho e escrita como sistemas de representação” de Analice Dutra Pillar (2012), “Psicogênese da língua escrita” de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2007), tendo maior contribuição no quarto capítulo da pesquisa.

Além dos livros foram selecionados artigos e teses publicadas sobre o assunto para maior embasamento da pesquisa. Para a seleção dessas obras primeiramente foi feito um levantamento no site do PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação-Setor Educação, contudo das mais de 700 teses encontradas, com as palavras-chaves: Educação; Alfabetização, Desenho e Escritas, sendo elas publicadas depois do ano de 2014, apenas uma das teses foi selecionada para leitura ao qual não foi utilizada na pesquisa, pois não seguia o mesmo caminho teórico que a proposta dessa pesquisa.

A base da pesquisa bibliográfica são os livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa. Não basta realizar uma revisão bibliográfica que não irá contribuir no desenvolvimento, deve conter conhecimentos significativos que colaboram com a evolução do trabalho. Assim uma pesquisa bibliográfica se resume em procedimentos que devem ser executados pelo pesquisador na busca de obras já estudadas na solução da problemática através do estudo do tema. (SOUSA; OLIVEIRA; ALVEZ, 2021, p. 67)

Para a busca de autores mencionados pela professora orientadora, sendo eles: Albano, Derdyk, Fassina, Lowenfeld, Luquet, Moreira, Simas, Paiva, Vygotsky e Zatz, no qual poucos autores foi conseguido acesso ao material e artigos publicados com palavras-chaves como Alfabetização, Escrita e Desenho foi utilizado o Google Acadêmico, ao qual foi encontrado 15 artigos, dez foram selecionados para leitura e cinco deles utilizados na realização da presente pesquisa. Vale lembrar que os artigos escolhidos tiveram como critério sua qualidade de escrita e o conteúdo ali existente.

O pesquisador tem de ter o cuidado de selecionar e analisar cuidadosamente os documentos a pesquisar de modo a evitar comprometer a qualidade da pesquisa com erros resultantes de dados coletados ou processados de forma equívoca. (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois traz explicações amplas sobre o desenvolvimento do desenho e da escrita. Segundo Silveira e Córdova (2009), o método qualitativo busca uma explicação do porquê das coisas, utilizando documentos não contáveis, mas que traz várias abordagens sobre o assunto. Nesse sentido:

Nesse tipo de pesquisa, o processo da pesquisa pode ser habilmente organizado em uma sequência linear de etapas conceituais, metodológicas e empíricas. Cada etapa pode ser tomada e considerada uma após a outra e separadamente. (FLICK, 2009, p. 95)

Após a escolha do tema a pesquisa foi realizada por meios de etapas. Vejamos a seguir:

- a) Levantamento de documentos, sendo eles: Livros, artigos e teses sobre o assunto;
- b) Realização das perguntas que iriam orientar o trabalho;
- c) A realização pré-projeto de pesquisa;
- d) Seleção dos livros e artigos a serem utilizados no trabalho;
- e) Início do desenvolvimento da pesquisa.

O primeiro capítulo do trabalho foi realizado uma introdução, ao qual fala sobre como foi o início na pesquisa juntamente com os objetivos específicos e como foi dividido o presente trabalho, com seus respectivos capítulos.

O segundo capítulo da pesquisa, trata sobre o desenho infantil, trazendo uma breve introdução sobre sua história e da sua importância na infância explicando suas etapas de desenvolvimentos. Para a realização desse tópico foi utilizado os seguintes autores: Mèredieu (2017), Ferreira (2015), Pilloto; Silva; Magnol (2004), Pillar (2012) e Bombonato; Farogo (2016).

O terceiro capítulo em um primeiro momento discorre sobre a importância do desenho para escrita, em seguida explica as etapas do desenvolvimento da escrita, terminando com a importância do nome próprio para o desenvolvimento da escrita. Para embasamento do terceiro tópicos foram utilizados os seguintes autores: Ferreira (2015), Ferreiro e Moro (2001), Ferreiro e Teberosky (2007), Pillar (2012) e Silva (2015).

O quarto capítulo é a presente metodologia seguido pelo quinto capítulo, onde foi colocado as considerações finais sobre o trabalho aqui escrito, reflexões e ensinamentos construídos durante a realização da pesquisa e escrita do trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo no presente trabalho foi direcionado ao desenho e a escrita no período dos 18 meses aos 12 anos de idade, esclarecendo as etapas, tanto do desenho quanto da escrita, buscando a importância do desenho na escrita da criança e como acaba influenciando em sua alfabetização.

Durante a leitura de textos e a escrita da pesquisa foi possível constatar que as etapas do desenho segundo Mèredieu (2017), começa com simples rabiscos no papel, contudo para a criança tem grande significado nos aspectos social ou emocional.

O desenho traz consigo a história da humanidade, contudo, as pesquisas da importância do desenho em crianças pequenas só começaram a ser realizadas no século XIX, deixando claro que o desenho pode ser considerado como a primeira escrita da criança.

Com o desenho a criança pode expressar seus sentimentos, emoções, frustrações... despertando sua imaginação e criatividade. O presente trabalho trouxe as etapas que o desenho pode possuir, segundo Mèredieu (2017), ressaltando a importância que o desenho tem para a infância.

A criança desenha pelo simples prazer de desenha, contudo, o ato de desenhar começa a ser deixado em segundo plano com a transição para a escrita, pois o desenho não é mais suficiente para se expressar no papel.

Assim, a criança começa a se interessar pelos códigos da escrita, e segundo Pillar (2012), tem várias etapas, que são chamadas de pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética. A criança começa a criar hipóteses sobre a escrita e essas hipóteses vão se desenvolvendo à medida que a criança vai avançando na alfabetização, até chegar na escrita.

Conforme a criança se desenvolve o desenho e a escrita acabam se misturando, pois desenho é como um sistema de representação, assim como a escrita, ficando mais claro a relação desses dois elementos, contudo, como mencionado a cima a escrita acaba tendo uma certa prioridade no período de alfabetização. Por isso os professores devem entender a importância que o desenho tem no desenvolvimento da criança e como ele pode ajudar na alfabetização da mesma.

A pesquisa colocou o nome próprio como um caráter importante para a alfabetização, pois ela, é a primeira palavra para a criança que tem uma estabilidade, suas atividades são identificadas com seu nome, assim como seus pertences. Quando a

criança começa a escrever, as letras que ela mais usa, em suas primeiras “palavras”, são as do seu nome, pois é mais comum para elas e acaba tendo um significado maior. Silva (2015) exalta que o nome próprio pode ser a peça-chave para o início da compreensão da criança sobre a escrita, pois seu significado é estável.

A alfabetização é um processo muito importante na vida da criança e todos os professores da área deveriam ter um estudo sobre esse processo, é importante para um professor alfabetizador conhecer os processos de alfabetização, pois assim, pode identificar a etapa que seu aluno está e ajudá-lo a se desenvolver melhor.

Vale lembrar que cada criança tem seu ritmo, sendo que, duas crianças da mesma idade, pode não estar necessariamente na mesma fase de escrita. Por isso é importante tratar a criança com individualidade, respeitando suas limitações e sua forma de aprendizado.

## 6 REFERÊNCIAS:

BOMBONATO, Giseli; FARAGO, Alessandra. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.

FERREIRA, Larissa. **A importância do desenho na alfabetização de crianças**. UNISALESIANO; lins- Sp; 2015.

FERREIRA, Valeria; MORO, Maria. **Desenho e escrita no período inicial da alfabetização**. Pisc. da Ed., São Paulo, 13, 2º sem. De 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Arned, 1999; reimpressão 2007.

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa. Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo, Artmed, 2009.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20121/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>.

MÈREDIEU, FLORENCE DE. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix. 2017

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996; reimpressão 2012.

PILLOTTO, Silvia; SILVA, Maryahn; MOGNOL; Leticia. **Grafismo infantil: linguagem do desenho**. 2004.

SILVA, Marlene. **Alfabetização, nome próprio e subjetividade**. Educere; XII Congresso Nacional da Educação, 2015.

SOUSA, Angélica; OLIVEIRA, Guilherme; ALVES, Laís. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83; 2021.

## APÊNDICE 01 – QUADRO DE LEVANTAMENTO DE ARTIGOS

### QUADRO 02 - ARTIGOS ACADEMICOS UTILIZADOS PARA A PESQUISA

AUTOR/TÍTULO/ANO	RESUMO
<p>FERREIRA, Larissa. <b>A importância do desenho na alfabetização de crianças.</b> UNISALESIANO; lins- Sp; 2015.</p> <p>PILLOTTO, Silvia; SILVA, Maryahn; MOGNOL; Leticia. <b>Grafismo infantil: linguagem do desenho.</b> 2004.</p> <p>BOMBONATO, Giseli; FARAGO, Alessandra. <b>As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos.</b> Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016.</p> <p>FERREIRA, Valeria; MORO, Maria. <b>Desenho e escrita no período inicial da alfabetização.</b> Pisc. da Ed., São Paulo, 13, 2º sem. De 2001.</p> <p>SILVA, Marlene. <b>Alfabetização, nome próprio e subjetividade.</b> Educere; XII Congresso Nacional da Educação, 2015.</p> <p>SOUSA, Angélica; OLIVEIRA, Guilherme; ALVES, Laís. <b>A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos.</b> Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83; 2021.</p> <p>FONSECA, J. J. S. <b>Metodologia da pesquisa científica.</b> Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <a href="http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20121/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf">http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20121/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf</a>.</p>	<p>Nesse artigo a autora apresenta a importância do desenho infantil no desenvolvimento da criança, assim como suas fases e demonstra sua relação com a alfabetização.</p> <p>Os autores ressaltam a importância do grafismo infantil no desenvolvimento humano.</p> <p>Nesse artigo os autores exaltam as etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos.</p> <p>Nesse artigo as autoras fazem uma relação entre dois sistemas de representação, desenho e escrita, na alfabetização de crianças na idade pré-escolas.</p> <p>A autora nessa obra, conceitua a importância do nome próprio no período de alfabetização de crianças.</p> <p>Esse artigo tem como objetivo analisar e descrever os princípios e fundamentos que caracterizam o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica.</p> <p>Tem como objetivo demonstrar metodologias de pesquisa científicas. Explicando que para realizar uma pesquisa de qualidade precisa primeiramente escolher o método de pesquisa que será utilizado no trabalho.</p>

FONTE: A AUTORA (2021)

## APÊNDICE 02 – QUADRO DE LIVROS PARA FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA.

### QUADRO 03 – LIVROS PARA FUNDAMENTAÇÃO DA PESQUISA

AUTOR/TÍTULO/ANO	RESUMO
<p>MÈREDIEU, FLORENCE DE. <b>O desenho infantil</b>. São Paulo: Cultrix. 2017.</p>	<p>Nessa obra o autor traz a importância do desenho infantil sobre os olhares de diferentes autores, fazendo uma breve contextualização da história do desenho infantil através de alguns séculos.</p>
<p>PILLAR, Analice Dutra. <b>Desenho e escrita como sistemas de representação</b>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.</p>	<p>A autora traz o desenho e a escrita como um sistema de representação, trazendo seus aspectos particulares, assim como suas etapas, sendo do desenho e da escrita, exaltando a importância de ambas no desenvolvimento da criança.</p>
<p>FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. <b>Psicogênese da língua escrita</b>. Porto Alegre: Arned, 1999; reimpresão 2007.</p>	<p>As autoras nessa obra trazem os conceitos de Piaget para exaltar a psicogênese da língua escrita, trazendo vários conceitos sobre a escrita, levando em conta suas etapas e como ela é desenvolvida em crianças pequenas.</p>
<p>Flick, Uwe. <b>Métodos de pesquisa. Introdução à pesquisa qualitativa</b>. São Paulo, Artmed, 2009.</p>	<p>Nessa obra o autor explica qual é a importância da pesquisa qualitativa, seus aspectos essenciais e também diferencia a pesquisa qualitativa da quantitativa.</p>

FONTE: A AUTORA (2021)